

A modalização de instâncias enunciativas

Maria Regina de Carvalho Caseiro Oliveira*

Resumo

O estudo da modalização tem sido compreendido exclusivamente como “a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado” (MAINGUENEAU, 1990, p. 8 *apud* NEVES, 1996, p. 164), de maneira a revelar como o enunciador se posiciona diante do conteúdo proposicional que enuncia. Entretanto, o objeto de estudo deste artigo foi definido além do enunciado: no âmbito da modalização de Instâncias Enunciativas e não apenas de enunciados constituintes de tais Instâncias. Em outras palavras: buscando identificar e explicitar mecanismos léxico-sintático-discursivos agenciados na modalização de Instâncias Enunciativas, pretende-se mostrar que o discurso também é modalizado e não apenas o enunciado. Portanto, a perspectiva por mim assumida é modalização do modo de dizer e não do que é dito.

Palavras-chave: Modalização; Instâncias enunciativas; Mecanismos léxico-sintático-discursivos.

O TEMA

Tendo em vista o processo pelo qual a língua se atualiza em discurso e considerando não apenas a materialidade lingüística dos enunciados, mas também as condições de sua produção, o objetivo deste artigo é o de explicitar alguns mecanismos do nosso sistema lingüístico que são ativados na construção da inter-relação enunciador/referência/enunciatário, bem como sua articulação na implementação e monitoramento do processamento discursivo. No âmbito de tais mecanismos, ditos enunciativos, definimos como objeto de nosso estudo aqueles que contribuem para o estabelecimento da coerência do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formulados a respeito de um ou de outro aspecto do “conteúdo”

* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sete Lagoas.

referenciado e, do outro, as próprias fontes dessas avaliações, ou seja, quem, no processamento discursivo, as assume ou por elas se responsabiliza.

Dentre esses mecanismos, destaca-se a modalização, que é um processo através do qual o locutor, por exemplo, constitui-se como enunciador, posicionando-se com relação ao conteúdo referenciado. Não obstante as tentativas de se atrelar a modalização a uma visão de linguagem enquanto processo, o que vemos ainda hoje é a insistência em situá-la dentro da noção de produto. Em Neves (1996, p. 164), por exemplo, cujos estudos lingüísticos a esse respeito representam um avanço muito grande em relação a outros autores, encontra-se a seguinte afirmativa de Maingueneau (1990), utilizada por ela para sintetizar o seu pensamento: “A modalidade é a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado” (p. 8). Também Bronckart (1999), refere-se a ela como algo que contribua para o estabelecimento da interação, “orientando o destinatário na interpretação do conteúdo temático” (p. 330). Além disso, situa a modalização como mecanismo enunciativo que pertence à dimensão configuracional do texto independente de sua linearidade e progressão. O estudo aqui desenvolvido parte do pressuposto de que a modalização é um fenômeno tipicamente discursivo e que não pode se restringir apenas ao âmbito do enunciado. Dessa maneira, trata-se de um fenômeno que interfere na configuração de Instâncias de Enunciação tomadas em seu todo, em seu caráter multidimensional.

ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Se a modalização é um fenômeno ligado ao processamento discursivo, torna-se necessário desenvolver um quadro teórico-metodológico que comprove nossa hipótese. Tomemos como primeira referência a Teoria Modular da Língua, tal como postulada por Ataliba Castilho (1998), que discorre a respeito do fato de que qualquer língua natural é composta por três módulos – o discursivo, o gramatical e o semântico – que atuam de modo simultâneo e são interligados pelo léxico. Articulou-se essa teoria a uma noção de Instâncias Enunciativas, elaborada a partir de Benveniste (1989), postulando-se o “aparelho formal da enunciação” como necessariamente constituinte do processo de discursivização na configuração da representação lingüístico-cognitiva de qualquer situação de interlocução. Entende-se por instância enunciativa um modelo de organização dialógica, que especifica o processo de construção de relações entre enunciador(es) e enunciatário(s), situados em um determinado tempo e espaço discursivos como fatores constituintes da referência discursiva. Esses dois postulados teóricos foram articulados a um terceiro, adotado da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNI-

ER, 1984 e 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996 e FAUCONNIER; TURNER, 2002), estabelecendo que o processamento discursivo se dá necessariamente *na e pela* criação e organização hierárquica de Espaços Mentais.

A articulação das postulações desses autores pode ser resumida nos seguintes pressupostos teóricos que constituíram o modelo de processamento discursivo adotado na análise dos dados observados:

- O módulo Discursivo desempenha um papel central, de fundamental importância, no processamento discursivo e é o plano base sob o qual se articulam os demais módulos mediados pelo Léxico de maneira a configurar a “arquitetura” do texto, indiciada em sua materialidade. Dessa forma, postula-se que a modalização é um fenômeno constitutivo de Instâncias Enunciativas, que deve ser circunscrito e analisado, no âmbito do processamento discursivo, como um conjunto de mecanismos e/ou princípios constituintes do processo de Discursivização.
- As Instâncias de Enunciação devem ser concebidas como Espaços Mentais (referenciais) básicos necessariamente envolvidos na implementação do processamento discursivo. A implementação do processamento discursivo implica a criação de uma Instância Enunciativa zero, equivalente ao Espaço-base de Fauconnier e Sweetser (1996), no qual podem se encaixar hierarquicamente outras Instâncias Enunciativas.
- O Espaço-base denominado por Fauconnier e Turner (2002) de espaço integrado ou espaço *OUTPUT* é o espaço que permite a integração de, no mínimo, dois espaços *INPUTs*. É no interior dele que se constituem e se articulam outros tipos de espaços constituintes do processamento discursivo. Os mecanismos responsáveis pela integração de instâncias – aqui tomadas como espaços discursivos – na constituição de instância base, num terceiro espaço enunciativo, serão apresentados no tópico seguinte.
- Toda Instância de Enunciação é um Espaço Mental e nem todo Espaço Mental é uma Instância de Enunciação: há espaços outros, sempre implementados no âmbito de uma Instância de Enunciação. Isso quer dizer que uma Instância de Enunciação sempre é o espaço básico para algum outro espaço mental, que pode ser, ou não, uma outra Instância de Enunciação.

A partir da articulação de tais pressupostos, concluiu-se que, se a modalização é um fenômeno que incide na criação e na articulação de Instâncias Enunciativas, é natural, então, que possa ser compreendida além dos limites do enunciado e tomada como algo indissociável de seu caráter discursivo. A necessidade de se estudar o fenômeno da modalização nessa perspectiva já havia sido anunciada por Todorov e Ducrot (1977, p. 295), quando eles fazem referência ao seu caráter extrapredicativo, numa alusão clara às relações entre os interlocutores, aos fato-

res tempo, espaço e universo de referência, envolvidos na situação comunicativa, que podem ser percebidas a partir de pistas léxico-sintático-discursivas constitutivas dos processos de modalização.

A MODALIZAÇÃO NA DISCURSIVIZAÇÃO DE INSTÂNCIAS ENUNCIATIVAS

Com a finalidade de verificar a hipótese de que a modalização é, de fato, um fenômeno do processamento discursivo, procurou-se, aqui, identificar e arrolar os recursos e estratégias referentes ao modo de realização dos enunciados no processamento discursivo, focalizando, no *corpus* escolhido, os mecanismos utilizados para modalizar Instâncias de Enunciação no seu processo de implementação e/ou caracterização, no processo de construção de enunciador(es), no processo de construção do(s) enunciatário(s) e da relação entre ambos.

Para isso, foi escolhido como *corpus* o romance **Capitães da areia**, obra de cunho social do escritor Jorge Amado, publicada pela primeira vez em 1937. Justifica-se a escolha desse romance em função, principalmente, de três pontos fundamentais: i) fornece-nos instâncias enunciativas em cuja representação se utiliza a modalidade culta da língua, muito embora, em alguns momentos, o autor faça uso de uma modalidade lingüística própria das camadas mais populares, o que lhe rendeu várias críticas por parte dos “puristas”; ii) contém seqüências narrativas em que predominam a criação e articulação de Instâncias Enunciativas; iii) constitui um material fartamente diversificado em que se verifica a modalização tanto da implementação e caracterização de instâncias enunciativas como também do processo de construção do enunciador e do enunciatário. Em síntese, num romance vazado numa linguagem que retrata a fala popular podem ser observadas várias estratégias discursivas engendradas na modalização de instâncias de enunciação.

A partir dos dados encontrados na obra – num total de 224 –, foram identificadas e analisadas as categorias processuais que apresentamos no Quadro 1. Não obstante a diversidade do material levantado, por uma questão de sistematização não nos deteremos num detalhamento maior dessas categorias.

Após o exame desses dados, corroborou-se a afirmativa de Bronckart (1999) segundo a qual a configuração de Instâncias Enunciativas não se dá de maneira linear e os mecanismos de modalização são implementados na articulação dessas instâncias, em qualquer nível da estruturação textual. Todavia, Bronckart não faz referência ao caráter multidimensional das modalizações, que extrapola os limites do próprio texto. Apesar disso, observamos que esses mecanismos podem incidir sobre aspectos externos ou sobre aspectos internos às Instâncias de Enun-

Quadro 1. A modalização na discursivização de instâncias enunciativas.

	Categorias	Exemplos
Modalização externa à Instância Enunciativa	1 – Modalização na referência da relação enunciador/enunciário	
	1a – Modalização pela referência de circunstâncias e ações relacionadas ao enunciador/enunciário constituintes da Instância Enunciativa implementada por situação <i>default</i> *	“O velho fitava indeciso. Então o Gato bateu o dinheiro em cima da mesa: — Hoje nós vai fazer gasto.” (49) “— Cale-se – a voz do cônego era cheia de autoridade. – Quem o visse falar assim diria que é um comunista que está falando.” (135)
	1b – Modalização pela referência de circunstâncias e ações relacionadas ao enunciador/enunciário constituintes de Instâncias Enunciativas implementadas por expressão <i>dicendi</i>	1b.a – Modalização de Instâncias por verbos e expressões correlatas que referenciam o modo de realização do enunciado “— Eu sou um velho... Eu não fiz nada... – murmurou o velho, mais que falou. — Não fiz nada, minha filha está me esperando...” (92) “Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente: — Bonita, Professor?” (30)
		1b.b – Modalização de Integração de Instâncias por verbos auxiliares e expressões correlatas denotadoras de aspecto** “Pedro Bala se adiantou um passo, quis explicar. — O padre só quer aju...” (71)
		1b.c – Modalização de Instâncias por verbos performativos “O Gato pôs o baralho em cima da mesa e propôs: — Quem topa uma ronda?” (45)
	2 – Modalização pelo modo de mesclagem de instâncias enunciativas	“— Olha, bichinha, ele tá grudado com outra, sabe? Também eu disse as boas aos dois. E depois pelei a bruaca – meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro. — Vamos rchar isso.” (40)
3 – Modalização da Instância como um todo	“— Não nasci para essa vida. Nasci para o grande mundo – disse o Gato, repetindo uma frase que ouvira certa vez de um caixeiro-viajante num cabaré de Aracaju.” (37) “— Se tu aparece assim na toca – assim tratavam o trapiche – os outros vai dar em cima de tu.” (112)	
Modalização interna à Instância Enunciativa no processo de reportá-la	1 – Modalização de Instâncias por verbos e expressões correlatas que especificam o modo de realização do enunciado	“— Não te mete – disse o flautista, mas logo acrescentou. — É um recado da bruaca da Dalva. Tá se pelando que eu volte.” (40) “Pedro falou: — Gonzales do “14” falou comigo hoje... — Quer mais corrente de ouro... – atalhou o Sem-Pernas.” (31-32)
	2 – Modalização de Instâncias por verbos e expressões correlatas que especificam o modo de realização do enunciado	“— Ele vai sair daqui agorinha mesmo. (...) — Não. Não – rugiu Almiro.” (127) “— Tu não vê que a vida da gente é cheia de pecado?... Todo dia... — A culpa não é da gente... – esclareceu Dora — A gente não tem ninguém.” (161)

* Chama-se “situação *default*” a operação de discursivização que institui o plano base (a do autor com seu leitor) no âmbito do qual se criam e articulam outras instâncias enunciativas. A modalização se efetiva por meio da descrição de ações, circunstâncias, características de personagens que vão de instituir como enunciadores e, por recursos gráficos adequados, o conteúdo a ser dito se introduz diretamente.

**O aspecto manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo.

ciação. Chegou-se, então, às seguintes categorias processuais de modalização de Instâncias, que, após a observação do Quadro 1, serão agora explicitadas:

- Modalização, do ponto de vista externo à Instância Enunciativa, pela referência de circunstâncias e ações relacionadas ao enunciador/enunciatório constituintes da Instância Enunciativa implementada por situação *default* ou por expressão *dicendi*. A modalização por expressão *dicendi* compreende um conjunto maior de recursos lingüístico-discursivos agenciados nesse processo, a saber: verbos e/ou expressões correlatas, que referenciam o modo de realização do enunciado, verbos e/ou expressões modais denotadoras de aspecto, e, também, verbos performativos. Estes últimos podem integrar Instâncias Enunciativas e modalizá-las de forma a referenciar a performatividade num tempo que não coincida com o presente da enunciação. Convém ressaltar aqui dois aspectos importantes: i) o papel que a lexicalização de verbos e/ou expressões *dicendi* desempenha neste tipo de modalização – verbos como *berrar*, *sussurrar* ou *cochichar* representam diferentes graus de modalização da instância enunciativa implementada quando se compara a outros *dicendi* considerados neutros tais como *falar* e *dizer* –; ii) o fato de que essas expressões funcionam como *links* na integração de instâncias que são hierarquicamente articuladas. Já a modalização por *default* constitui o espaço integrado por meio do qual se implementam e articulam outras instâncias e, embora não seja, em essência, tão diferente do primeiro grupo, difere dele devido ao fato de ligar, pela descrição de um processo, ações descritas e falas, configurando-se como um lugar em que a linguagem se caracteriza como uma ação ao lado de outras ações.
- Modalização, também do ponto de vista externo à Instância Enunciativa, pelo modo de mesclagem de Instâncias Enunciativas. Mescla-se a instância 0 – a do autor com seu leitor – e a instância 1 – a do enunciador com seu enunciatório – de maneira a dar consistência discursiva na composição da cena enunciativa. Esta categoria articula processos a que já se fez alusão na categoria anterior, mas apresenta-se como algo mais complexo, evidenciando o caráter multidimensional da constituição de instâncias de enunciação. As relações estabelecidas entre os fatores constituintes do jogo enunciativo como um todo é que serão determinantes tanto no processo de constituição como também de mesclagem de instâncias de enunciação e de sua modalização. Isso ocorre quando, no âmbito do espaço/instância subordinante, são utilizados recursos lingüístico-discursivos responsáveis pela integração de uma outra instância a esse espaço base. Pode-se, inclusive, modalizar a instância subordinada em seu processo de implementação.
- Modalização, também do ponto de vista externo, da Instância constituída

como um todo, através do processo de circunstanciação de um único espaço integrado, descrevendo essa Instância e situando-a num determinado tempo e lugar do discurso. A referenciação de situação, lugar e circunstâncias de modo geral será determinante, quer na implementação do processo de modalização, quer na constituição do “objeto modalizado”, representando, pois, uma espécie de pano de fundo na composição do quadro figurativo da enunciação. Além disso, esta categoria pode se estender também a um tipo especial de predicação quando uma Instância Enunciativa é tomada como o predicado (ou comentário) de uma outra.

- Modalização, agora do ponto de vista interno, do processo de se reportar a Instâncias de Enunciação por meio de verbos e expressões correlatas, que situam o discurso reportado na cronologia discursiva, ou que especificam o modo de realização do enunciado nos vários tipos do “discurso relatado”.¹ Enquanto as categorias apresentadas anteriormente contemplam os mecanismos lingüístico-discursivos utilizados para se modalizar a implementação de instâncias enunciativas, esta diz respeito à administração de turnos dentro da instância. Na constituição desta categoria, destaca-se não apenas o papel que a lexicalização de verbos/expressões *dicendi* desempenha, mas também a sua combinação a outros recursos lingüístico-discursivos tais como sintagmas adverbiais, sinais de pontuação, supressão de sílabas finais/palavras do conteúdo proposicional e outros.

Após estabelecidas as categorias acima, chegou-se às seguintes conclusões:

- Na materialidade do texto tem-se, apenas, uma configuração material das expressões lingüísticas minimamente necessárias para a semantização das Instâncias como domínios cognitivos do processo de referenciação.
- A referenciação do modo de realização de enunciados é feita no âmbito do espaço/instância subordinante. Esses espaços se configuram como mecanismos de “*linkagem*” responsáveis pela integração de instâncias na constituição de instância base, num terceiro espaço enunciativo, o que confirma a tese de que é na articulação de espaços discursivos representados por Instâncias de Enunciação que se situam os processos de modalização de instâncias.
- Compreendido o conceito de Instância de Enunciação como um modelo de organização dialógica que especifica o processo de construção de rela-

¹ Basicamente, o ‘discurso relatado’ compreende os modos de representação no discurso de um outro discurso. Tradicionalmente, são três as maneiras de se construí-lo: o discurso direto, o indireto e o indireto livre. Entretanto, Authier-Revuz (1998), por julgar essa trilogia bastante restrita, acrescenta duas outras: a ‘modalização em discurso segundo’ quando o locutor não se responsabiliza pelo que enuncia e se apóia no discurso de outro e a ‘modalização autonímica’ que se refere à auto-representação do dizer.

ções entre enunciador(es) e enunciatário(s), situados em um determinado tempo e espaço discursivos como fatores constituintes da referência discursiva, partiu-se do pressuposto de que tal modelo constitua parte substancial da competência lingüística dos falantes de qualquer língua. Sendo assim, os mecanismos e/ou princípios de modalização de tais espaços discursivos – constitutivos desse modelo – também fazem parte da competência discursiva dos falantes.

- Se a constituição de instâncias enunciativas no processamento discursivo não se evidencia de maneira linear, mas multidimensional, torna-se necessário articular mecanismos/recursos de maneira complexa que não se circunscrevem apenas ao âmbito da lexicalização: envolvem mecanismos léxico-sintático-discursivos, operados de maneira articulada pelos processos de discursivização.
- As categorias apresentadas, vistas como mecanismos descritivos de modalização constituintes dos processos de discursivização utilizados na implementação e caracterização de Instâncias Enunciativas, integram-se num todo. Representam, no produto, na materialidade do texto, maneiras diferentes da manifestação de um mesmo mecanismo, de um mesmo princípio.

Dessa forma, os resultados deste trabalho de pesquisa apontam para o fato de que, quando se focaliza a modalização sob a perspectiva dos processos de discursivização, constata-se que os mecanismos de modalização são implementados na articulação de instâncias de enunciação. Tais instâncias são aqui tomadas como espaços discursivos hierarquicamente articulados num espaço maior que as integra *no e pelo* processamento discursivo – o espaço integrado. Portanto, a modalização de Instâncias é um fenômeno do espaço integrado, o que caracteriza a modalização como um fenômeno tipicamente discursivo.

No entanto, as possibilidades de se estudar o fenômeno da modalização não se esgotam aqui. Quando se volta à colocação do problema que gerou esta pesquisa, qual seja, o de se verificar o que a escrita representa ou deixa de representar na relação TEXTO FALADO/TEXTO ESCRITO, percebe-se que para muitas questões este estudo ainda não oferece respostas. A propósito das possíveis relações entre escrita e fala, as perguntas seriam:

- (a) o que *existe na fala e é representado na escrita?*
- (b) o que *não existe na fala e é representado na escrita?*
- (c) o que *existe na fala e não é representado na escrita?*

Na tentativa de encontrar respostas para essas questões, este trabalho de pesquisa procurou estabelecer possíveis relações entre as modalidades oral e escrita, no sentido de como se efetiva, lingüisticamente falando, a transição entre uma e outra. Nesse sentido, puderam-se ressaltar não só aspectos relativos aos proces-

tos de lexicalização na implementação e caracterização de Instâncias Enunciativas, como também aspectos relativos ao módulo discursivo, e, ainda, embora em proporção muito menor, alguns aspectos do módulo gramatical, tais como o uso dos sinais de pontuação e interrupção de enunciados por meio da supressão de palavras/sílabas finais da fala de algum personagem. Tal decisão foi motivada pelo meu interesse em focar a relação fala/escrita, numa perspectiva que, praticamente, não é considerada na escola: a representação escrita de fatores de natureza textual, que ultrapassam o nível do enunciado, como é o caso dos mecanismos envolvidos na modalização de instâncias enunciativas.

A análise dos processos de modalização lingüística e a explicitação dos mecanismos, procedimentos e/ou estratégias léxico-sintático-discursivos envolvidos nesses processos e que foram apresentados neste trabalho certamente implicarão contribuições que julgamos importantes tanto para o ensino da leitura quanto para o da escrita na escola. Isso porque, na construção de objetos de ensino/aprendizagem da escrita, deve-se deslocar a ênfase que se costuma dar ao texto em si para os mecanismos sintático-discursivos envolvidos em sua produção. Além disso, conforme pode-se corroborar ao final deste estudo, contrariamente ao que dá a entender a linearidade instituída na materialidade dos enunciados, o processo da leitura não é linear, mas multidimensional, como mostra a complexa articulação dos mecanismos sintático-discursivos envolvidos na produção de sentido.

Abstract

The study of modalization has been understood exclusively as “the relationship established between the subject of the enunciation and his enunciated” (MAINGUENEAU, 1990, p. 8 *apud* Neves, 1996, p. 164), revealing how such subject places himself in face of his own statement. However, the object of study of this article goes beyond that concept as it seeks to identify and explain lexical-syntactic-discursive resources at the modalization of enunciative instances, eventually demonstrating that the speech is also modalized and not only the proposition. Thus, my perspective here is the modalization of the “way of saying” and not of what is said.

Key words: Modalization; Enunciate instances; Lexical-syntactic-discursive resources.

Referências

- AMADO, Jorge. *Capitães de areia*. 106. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Tradução Cláudia R. Castellanos Pfeiffer *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Português falado e reflexão gramatical*. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1998.
- FAUCONNIER, Gilles. *Espaces mentaux: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris: Les Editions de Minuit, 1984.
- FAUCONNIER, Gilles e SWEETSER, Eve. *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think; conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: New York: Basic Books, 2002.
- MARTINS, Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltroniere. *Dêixis, discursivização e espaços mentais*. 2000. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, Ingedore (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp, 1996. v. VI, p. 163-199.
- TODOROV, T.; DUCROT, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Tradução Alice Kioko Miyashiro, J. Guinsburg e Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 1977.